



ESTAÇÃO

DIVERSIDADE

Nº 2

Uma publicação do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de SP

NOVEMBRO/DEZEMBRO/2023 e JANEIRO/2024

www.metroviarios.org.br[f/MetroviariosSP](#)[/metroviarios_SP](#)

FENAMETRO

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS METROVIÁRIOS

Privatização AUMENTA o RACISMO



Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego do IBGE em São Paulo, 73,7% dos trabalhadores terceirizados são mulheres negras. Devido à herança histórica do racismo e do patriarcalismo – ainda insuficientemente combatida –, essa população acumula os piores indicadores sociais do país. A terceirização é uma forma de enxugar gastos públicos necessários e essenciais e de dividir o capital do Estado com donos de empresas, em lugar de dividir com a população. Isso precariza o serviço e transfere a conta para os trabalhadores, principalmente as mulheres e a população negra.

A conta também incide com mais agressividades nessas populações, quando serviços públicos, como saúde, educação e transporte, são privatizados. O objetivo passa a ser o lucro em detrimento de um serviço de qualidade para a população.

Isso aumenta os preços, reduz a qualidade dos serviços, e exclui as pessoas que não têm condições de pagar pelo serviço privatizado. Além disso, a privatização diminui empregos públicos de qualidade, que deveriam ser mais ocupados por negros, mulheres e LGBTs, também através das cotas. Isso seria uma forma de encontrar qualidade de vida com menor risco de inadmissão e demissão por preconceito.

É necessário que as empresas respeitem os direitos trabalhistas e de associação e que os serviços públicos sejam geridos para garantir o acesso universal e de qualidade para todos.

Dessa forma, é importante lutar veementemente contra a privatização e a terceirização, em defesa dos concursos públicos com cotas raciais, dos direitos dos trabalhadores terceirizados, de liberdade de organização e mobilização e pela incorporação dos terceirizados ao quadro de trabalhadores concursados.

>> 20 DE NOVEMBRO Pela reparação, histórica e social, pelos 388 anos de escravidão do povo negro!

*"O novembro simboliza
Importante mês de luta
Dia da Consciência Negra,
Uma constante disputa
Representando a história
Resgatando essa memória
O racismo se refuta!"*

*Celebrar o dia vinte
Tem devida importância
Traz a história de um povo,
Coberto de relevância
É Zumbi sendo lembrado,
Como seu nome honrado:
E erguido em alta instância.*

*Também no mês de
novembro
Tem combate à violência
Contra todas as mulheres!
Que afeta nossa existência.
Neste enfrentar permanente
De maneira consistente
Para sermos resistência!*

*O mês também representa
A Dandara na memória
De rainha de quilombo
E marcada na história
Foi guerreira e lutadora
Do quilombo protetora
E lhe cobrimos de glória."*

(Maria Clara Psoa)

A população negra, durante toda história pós-abolição, sofreu com as consequências do racismo, da escravidão e continua tendo seus direitos negados, com o racismo cotidiano, institucional e interpessoal! Essa história precisa acabar! Reparação significa reparar todos os males que foram causados com a escravidão do povo negro, psicologica, financeira e socialmente.

A história e a cultura de um povo não devem ser marcadas por tragédias e destruição. O capitalismo acabou com diversas culturas para imperar seu lucro, então a população resistiu, lutou e conseguiu sua alforria, mas ainda precisa avançar muito nesses direitos que a tantos são negados!

Por isso, todo mês de novembro, é preciso lembrar Zumbi, Dandara, Aquatiene, Luiza Mahin, Xica Manicongo, e tantas outras lideranças que deram suas vidas para hoje estarmos aqui, lutando por muito mais!



CONTRA O GENOCÍDIO

da população negra e as privatizações dos presídios



EXPEDIENTE: Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários e em Empresas Operadoras de Veículos Leves sobre Trilhos no Estado de SP. **Sede:** R. Padre Adelino 700 – Belém. CEP 03303-000 – São Paulo – SP. **Fone:** (11) 2095-3600. **E-mail:** sindicato@metroviarios-sp.org.br.

Presidente: Camila Lisboa. **Secretaria de Diversidade Sexual e Identidade de Gênero:** Luan Marchesi Leal Amorim (Luna). **Secretaria de Assuntos da Discriminação Racial:** Maria Clara Pereira Soares. **Secretaria de Assuntos da Situação da Mulher:** Daniela Possebon. **Diretor de Imprensa:** Alex Fernandes. **Arte:** Maria Figaro, MTb 25.888-SP. **Tiragem:** Mil exemplares. www.metroviarios.org.br

O genocídio da população negra no Brasil sempre foi escancarado. Começou com o tráfico de pessoas negras para o Brasil. A “falsa” abolição marginalizou e excluiu centenas de negros e negras que sobreviveram e resistiram ao período escravocrata no Brasil e passaram a construir quilombos e favelas. Este histórico de exploração e preconceito formou a dura realidade atual: nossa população ocupa os piores postos de trabalho e as mulheres negras são as que mais sofrem violência doméstica e obstétrica. A população negra é a mais violentada pela mão armada do Estado, que utiliza a PM para invadir as comunidades e perseguir a população mais marginalizada.



Foto: Mídia NINJA

Aqui no estado de São Paulo, assistimos recentemente à chacina que ocorreu no Guarujá e matou mais de 10 jovens a mando do governador Tarcísio. Não foi a primeira e nem será a última, pois a política desse governo, assim como seu projeto neoliberal de Estado, fomenta a desigualdade, o racismo e o extermínio dessa população.

As privatizações estão a todo vapor. Os presídios, também passam por esse processo de entrega do seu funcionamento para empresas privadas, tirando suas gestões da responsabilidade do Estado. Isso é mais um exemplo de como os corpos negros são tratados como mercadorias. Hoje, grande parte das pessoas presas não teve seus processos julgados e muitos estão com prisões forjadas. O perfil das vítimas da política de encarceramento em massa é de mulheres e homens negros. No caso das mulheres, o país ocupa o quarto lugar no encarceramento feminino. Segundo o INFOPEN 62% são mulheres negras. Com a privatização, esse número tende a aumentar, pois quanto mais corpos encarcerados, mais lucro as empresas terceirizadas terão.

A lei antidrogas, aprovada por Lula em 2006, facilitou esse cenário. E, posteriormente, no governo Bolsonaro, aprofundou-se a crise do encarceramento. O Brasil é o terceiro país do mundo que mais encarcera gente. No último período, atingiu a maior população carcerária de sua história: de 2000 a 2022, o número de presos no país aumentou 257%. Ao mesmo tempo, 40% dos presos não foram julgados. É preciso urgentemente a suspensão dessa Lei, assim como exigir a não privatização dos Presídios, que só beneficia os empresários.

» Desmilitarização da Segurança Pública

Amilitarização se refere à utilização de força armada para coibir a violência. Quando aplicada ao cenário da Segurança Pública, mais especificamente à Polícia Militar, vende-se a ideia de que esse aparato estatal estaria a serviço da população. Dados do Instituto Sou da Paz indicam que São Paulo soluciona apenas 37% dos crimes, enquanto o governo estadual, diz solucionar 51%, aplicando “diferentes metodologias”. No Metrô, aonde a segurança utiliza câmeras e não porta armas, a taxa de solução é de 76%.

A realidade estatística nos mostra que a polícia militarizada serve apenas para disseminar o poder do estado burguês sobre as populações minorizadas e para proteger a propriedade privada. Esse modelo foi importado da Europa e criado para reprimir trabalhadores grevistas. Já com um recorte racial e depois da falsa abolição da escravidão, os escravizados não conseguiam emprego formal, e assim é instituída a “Lei da Vadiagem”, que jogou a população negra para dentro da prisão ou para trabalhos precarizados ao extremo, próximos do regime de escravidão. Uma forma de manutenção velada da mesma.

A segurança pública, como todos os serviços públicos dentro do capitalismo, vira mercadoria que se retroalimenta. A desigualdade social (e, consequentemente, racial e de gênero) gera o crime. A polícia militar reage violentamente e o crime vai escalonando. Se a desmilitarização fosse uma realidade e o capital investido nessa lógica fosse utilizado para prover emprego, alimentação, moradia e transporte, bem como prover inteligência e tecnologia para a segurança, como a câmera dos uniformes, a criminalidade diminuiria exponencialmente.

Utilizar um fuzil, em que cada bala possui aproximadamente 5 cm de cumprimento, para matar crianças negras desarmadas em favelas por conta de uma política antidrogas falida, não parece ser uma boa solução para a criminalidade. A bala perdida sempre encontra determinados tipos de corpos, negros e periféricos. Ela não é aleatória, tem materialidade histórica e passa por políticas públicas pensadas e planejadas para manter relações de poder econômico. É preciso que a segurança pública seja desmilitarizada, para que, assim como a segurança do metrô, os policiais se enxerguem enquanto trabalhadores, tenham seu direito de organização sindical garantido e façam sua função social para fora da atual lógica capitalista.





>> **25 de novembro** ◊◊◊

Dia Internacional pela **ELIMINAÇÃO da VIOLÊNCIA Contra a Mulher**

25 de novembro é o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher. Na mesma Semana da Consciência Negra, é possível fazer a ligação dos temas: violência e mulheres negras. A data homenageia as irmãs Mirabal – Pátria, Minerva e María Teresa –, conhecidas como Las Mariposas, que, por sua resistência à ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, na República Dominicana, foram torturadas e assassinadas neste mesmo dia, em 1960. No Brasil (2022), entre as vítimas de

feminicídio, 62% são mulheres negras e nas mortes mais violentas, essas ficam em 70%. A combinação da raça e gênero na violência doméstica é elevada, assim como os postos de empregos, são os mais precarizados.

Quando juntamos o fator classe os números são maiores. No emprego de trabalhadoras domésticas, as mulheres negras são 65%, a maioria sem carteira assinada. Segundo o IBGE (2023), entre os lares de baixa renda, 80% são chefiados por mulheres, de maioria negra e, ao mesmo tempo,

são as que mais sofrem com o desemprego. No último período, as mulheres negras também mostraram muita resistência: afirmaram sua identidade e fizeram parte dos processos de lutas por todo mundo, foram linha de frente! As revoltas contra a escravidão no Brasil foram marcadas por lideranças de mulheres negras! Lembremos de Dandara, que liderou o Quilombo dos Palmares! “Por menos que conte a história, não te esqueço meu povo, se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo!”